

TRANSMITIR PSICANÁLISE?

Exercício de psicanálise em ato sobre o feminino no homem.

Richard Abibon

Tradução Mirian Giannella

Durante anos pensei transmitir psicanálise através da topologia. Parecia-me a linguagem matemática universal, compreensível por todos os povos, independente das línguas, mas em posse das características necessárias à transcrição do discurso analítico, tendo a mesma estrutura que a estrutura da linguagem. Já não penso mais assim, parece-me obtuso sendo a minha preocupação a de transmitir a psicanálise, não creio mais que transmitir topologia transmita psicanálise, ainda que eu tenha sido o único, creio, a tentar fazer o laço da teoria topológica com a prática da psicanálise. Fui, aliás, obrigado a inventar, a partir da topologia de Lacan, uma topologia específica adaptada às necessidades que encontrava na prática.

Por que não mais topologia?

1) Dois livros terminados não editados.

A resposta dos editores interessados era sempre a mesma: é muito interessante, mas topologia não se vende.

2) A afluência aos seminários de topologia, não apenas aos meus, mas aos dos tenores parisienses da topologia, Vappereau ou Darmon, afluência sempre mínima em relação ao que a psicanálise atrai de público, essa afluência não pára de diminuir.

3) As divergências de topologias.

Entre os continuadores de Lacan que se lançaram no desenvolvimento do que ele trouxe em matéria de topologia, cada um construiu *uma* topologia que não tem grande coisa a ver com a do vizinho. Para citar os que conheço bem e que segui o ensino durante anos,

nomearia Vappereau, Lew, Harder, Thomé, Caussanel, Gilson...e eu. Nada a ver entre cada uma dessas topologias, cada um desenvolvendo sua direção sem se preocupar em estudar a dos outros, ou de fazer alguma coisa com ela ou até de dialogar. É o argumento maior, para mim, que indica que alguma coisa não vai bem no reino topológico: os lugares (topoi) são esparsos, e sem laços lógicos entre si.

Darmon, sobretudo, repete a topologia de Lacan, ainda que acrescente precisões e esclarecimentos importantes.

Por que transmitir? E como?

Transmitir psicanálise seria transmitir saber? Nesse caso a topologia é um saber, sem dúvida, mas falta demonstrar que escreve alguma coisa da psicanálise, que pretende transmitir alguma coisa do não-saber que chama de inconsciente. É o que me esforçava para demonstrar até então, tomando a imagem do nó borromeano para articular a topologia, a teoria analítica e sua prática.

Transmitir a verdade seria fazer dela um saber? Ao contrário, a verdade está no buraco¹, no branco que se abre no conteúdo do discurso, esse branco da voz branca que às vezes denota angústia.

Cheguei a considerar que transmitir a psicanálise era transmitir não-saber. Cheguei aí apesar de mim, quer dizer sem saber o que está na lógica do que avanço. Como? Deixando ao inconsciente uma chance de se expressar, o inconsciente em ato em alguma coisa que parece com uma sessão, e onde sou o analisante, posição que Lacan dizia ocupar no seu seminário. Captar esse momento de nascimento da psicanálise que é nascimento ao saber, momento frágil, instante de passagem do não-saber ao saber. Deixar uma chance ao inconsciente de falar, como momento de verdade.

¹ Cf. meu artigo « *la vérité est dans le trou* » [“a verdade está no buraco”] disponível no meu site.

E como se teria mais chances de transmitir esse não-saber? Falando do não-saber, isto é das formações do inconsciente, dos sonhos, lapsos, atos falhos, sintomas... dos seus próprios, claro, para permanecer no método freudiano: não se interpreta o dos outros. É por isso que alimento minhas intervenções, há muitos anos, com os meus próprios sonhos. São, de fato, as mais ricas e freqüentes formações do inconsciente à minha disposição.

Onde sinto ter sido ouvido, e só agora me dou conta, é quando me dizem que minha transmissão fez sonhar. Soube de uma amiga e colega que me confiou o sonho que teve após ter me ouvido falar em meu último seminário. Não sonhava mais há anos e eis que, de repente, a máquina inconsciente retomava sua dinâmica. Isso fez voltar à memória o fato de que várias pessoas antes já haviam me feito a mesma confidência. Com a variante para os psicanalistas: começavam a sonhar com os seus analisantes, o que nunca lhes tinha acontecido.

É arriscado falar de seus próprios sonhos, porque o inconsciente é perigoso, não é admitido, e dizem-me às vezes: não é o lugar. Deveria ficar reservado ao consultório do analista. Esses são os que rejeitam o que tenho a dizer. Dizem que jamais fariam isso. Então, projeção, eu não deveria fazer isso, pensam eles: acabo de fazer uma pura hipótese, pois como poderia saber o que pensam? É apenas uma explicação que dou e o autor da projeção, aqui, sou eu mesmo. Não posso censurá-los por acharem perigoso, por eles não o fazerem, nem me queixar; o inconsciente não se controla; se se sente necessidade de recalcar alguma coisa ou a totalidade do discurso de alguém, o fazemos e, às vezes, pode-se ter razão para fazê-lo por ser uma questão de sobrevivência; o recalçamento é necessário para se proteger das coisas insuportáveis das quais se tem razão de se proteger.

Entretanto a mim parece-me o lugar lógico, o topoï lógico.

Como esse modo de transmissão poderia abrir um debate?

Um problema que se coloca é que aqueles que não rejeitam essa forma de transmissão não podem debater sobre o que analiso dos meus sonhos. Alguns tentam, mas não pega bem, passam ao lado, forçosamente... ainda que, não sempre, é preciso deixar essa porta aberta, com prudência. E depois, tem os outros que pensam que, enfim, isso os faz apreender alguma coisa da psicanálise... não se dizem conscientemente, mas, no dia seguinte, eles têm um sonho.

De outro lado, os que não suportam isso, pois isso faz, às vezes, subir a agressividade o que é também uma manifestação do inconsciente afinal, e isto acontece porque também consegui transmitir alguma coisa, mesmo que negativamente.

Dessa passagem do inconsciente, de um sonho ao outro, do sonho de um ao sonho do outro, falta fazer a teoria, não apenas da psicanálise vista assim, mas também da *transmissão* da psicanálise vista assim.

Fazer a teoria é forçosamente para os pares e para o público, breve, para um outro, então é transmitir.

Fazer a teoria fazendo publicamente a prática do analisante seria válido como transmissão e faria teoria?

Em matéria de “*direção*” do tratamento para retomar o termo de Lacan, que na minha opinião é bastante inconveniente, cada um pratica como pode e não como quer: “é o desejo do analista que opera” (Lacan: 1966, p.854), definição que acho bem pertinente e não sem querer; é o inconsciente mais que controle ilusório. É por isto que não se trata de discutir do bom fundamento da prática de um e de outro nem da legitimidade da interpretação dos meus sonhos. O mestre é o inconsciente (Lacan reinterpretando Hegel em «de um Outro ao outro», lição 24).

Trata-se de se poder dar conta do que opera como desejo. Então, de transmitir dando-se conta no momento em que digo, onde me dei a ocasião de o dizer. Não é o sonho ou a “vinheta clínica” como ilustração da teoria, é bem a exposição da análise em ato. Aí, alguma coisa da *verdade* passa, num lugar em princípio reservado ao *saber*, o topoï não tão lógico para isto, a universidade. Mesmo sendo apenas o lugar de um seminário fechado ainda é forçosamente o discurso universitário. Isto responde aos que dizem que não é o lugar. Pois, dizendo isto, se condena a psicanálise a se transmitir apenas como saber. Ora, é apenas *suposto* saber, sabendo que é esse suposto saber que coloca em marcha uma dinâmica inconsciente, quer dizer, uma transferência. Por que sempre confundir o suposto saber com o saber? Mas, pode ser um saber fazer com o inconsciente e um saber aí fazer com o seu sintoma. Empresto estas fórmulas de Lacan, mas não é nem por causa deste empréstimo, nem pela repetição da palavra saber que constitui um saber.

Minha prática não pode então produzir debate já que tanto nos sonhos como nas formações do inconsciente o mestre é o inconsciente, não se pode discutir sobre isso em termos de saber. A minha interpretação dos *meus* sonhos, conforme o método de Freud² é irrefutável no sentido popperiano do termo, logo, não científica: ela não poderia constituir um saber. Irrefutável significa indiscutível.

Mas então, no que avanço, o que pode produzir debate?

Podemos discutir do que se transmite inconscientemente, quer dizer, eventualmente, associar livremente, sabendo que é só associação e não luta de morte por puro prestígio (para trazer a citação de Hegel que Lacan gosta) a fim de fazer valer seu saber como mais

² Introdução à psicanálise: “a psicanálise segue a técnica que consiste, o mais possível, em fazer o próprio sujeito analisado resolver os enigmas por si mesmo. É assim que, por sua vez, o sonhador deve nos dizer ele mesmo o que significa seu sonho”.

In : *Die Traumdeutung*, GW II/III, p. 102 ; PUF p. 92 : “A técnica que vou expor nas páginas que seguem difere da dos antigos pelo fato essencial que ela encarrega do trabalho de interpretação o próprio sonhador”.

importante, mais válido ou mais forte que o do outro. Ou fazer o debate mais tarde, após uma noite de sono... Por exemplo, sonho que sou operado sob a direção de Sophie Marceau. Ao despertar, isso me faz associar sobre *Sofia*, a sabedoria, a qual assimilo à amiga e colega de quem falava acima. Conto-lhe, então, meu sonho, e ela logo associa, ela, sobre Anna Karenina, de quem havia me contado o quanto tinha sido tocada pela interpretação de Sophie Marceau. Tinha esquecido completamente esse trecho da conversa. E foi muito bom que a associação dela o fizesse voltar à memória, pois me permitiu ir um pouco mais longe: ao suicídio de Anna Karenina que constituía o fundo da conversa.

O outro poderia me dar a ocasião para me interrogar sobre o que faço, pois, justamente, não sei o que faço

Num grupo, se cada um associar sobre tudo o que lhe vier, pode virar bagunça e não levar a nada. É uma das questões que coloco. Mas, isso abriria para que mesmo aquele que não sabe nada possa associar e contribuir para fazer avançar a psicanálise. Não é como num cenáculo reservado onde só os iniciados teriam direito a falar, sob a forma de: como, mas você não leu isso? Ou então: Releia Fulano e verá que tenho razão. Onde é o escrito o fiador da verdade do que se diz. O escrito é o Grande Nome.

Afinal, uma boa interpretação de um sonho bem amarrada pode deixar sem voz, como uma demonstração matemática: não há mais nada a dizer. Acontece que, justamente, os topólogos são os mais ferozes para não encontrar acordo entre si. Isso coloca para mim um problema de fundo.

Parece-me que a transmissão pelo sonho que evoco acima, quando se dá apesar de todos, nos poupa dessa “luta à morte por puro prestígio”.

Ah sim, supõe um sujeito castrado que deixa aberta a via para a sua inconsciência, o feminino nele.

Não estou no lugar do outro, e então gostaria que, antes que condenassem meu ato em nome de um dogma (isto não se faz!), o outro me desse a ocasião para me interrogar sobre o que faço, pois justamente não sei o que faço. Mas não posso pedir ao outro para reagir como gostaria, sou obrigado a tomar as suas reações tais como são.

Passemos então da teoria da prática à prática, a fim de ver se o que acabo de dizer se mantém nesse caminho para acrescentar algo à noção de feminilidade.

No seminário « *Encore* » [“Mais ainda...”], Lacan propõe as fórmulas da sexuação, ao final de longos anos de pesquisas inauguradas com o início da psicanálise. A psicanálise foi, de fato, inventada pela convivência de Freud com as histéricas, a maioria mulheres. Mas Freud foi o primeiro a fazer a comunidade científica admitir a existência de histéricos homens. À questão colocada pelas mulheres, Freud responderá com outra questão: « *Was will das Weib ?* » O que quer a mulher? Assim, desde o início, a questão da feminilidade se coloca na sua relação com a histeria. Que existam histéricos homens desconecta o anodamento obrigatório da mulher e da histeria, mas isso não quer dizer que não haja anodamento, nem que, se houver histeria no homem, esta não esteja justamente ligada à parte de feminilidade nele.

Quando Lacan propôs as suas fórmulas da sexuação:

$$\begin{array}{ll} \forall x \Phi x & \exists x \bar{\Phi} x \\ \exists x \bar{\Phi} x & \forall x \Phi x \end{array}$$

Ele precisa bem que, qualquer que seja o sexo biológico, pode-se inscrever à direita (feminino) ou à esquerda do quadro (masculino). Mas, se tem logo a tendência em pensar que uma vez aí inscrito, deve-se lidar apenas com as inscrições do lado escolhido. Ora, é preciso lembrar que ao contrário, todo ser falante tendo se inscrito à direita ou à esquerda o faz em função das 4 fórmulas. O grande achado de Lacan é ter mostrado que não se podia propor apenas uma fórmula masculina e uma fórmula feminina. Mas, cada sexo deve compor não apenas com as duas fórmulas do lado escolhido, mas com as quatro! Situa-se homem ou

mulher apenas em relação ao outro sexo. E a coisa se complica, pois esta relação deve ser concebida como uma não-relação!

Dito isto, o que ouço das mulheres na minha prática de analista? A partir da minha experiência, o que posso dizer do que quer uma mulher, hoje em dia? A mesma coisa que Freud ouviu: elas querem o pênis, e como substituto, uma criança, e elas querem castrar os homens. Foi com surpresa, devo dizer, que me confrontei com estes dizeres. Essa surpresa também era a das mulheres ao descobrirem isso nos seus próprios sonhos, ou simplesmente pela análise das relações que mantinham com os homens e com os seus filhos.

Foi com essa mesma surpresa que descobri a angústia da castração, o que não é mais fácil de assumir. Esse é meu lado homem. Portanto situado desse lado, tive ainda mais uma surpresa, a de descobrir a minha inscrição feminina. Assim, vou entrar logo no vivo da questão deixando falar essa inscrição feminina, tal qual se coloca em jogo na transferência, quer dizer no exercício da psicanálise.

Como um cachorro

Como sempre foi um sonho que me permitiu me dar conta:

Comprei uma casa de campo em algum lugar no Jura. Parei vindo de Paris, pois é a última estação antes de Besançon. Uma estação em tons de bege como o trem que nos trouxe de Limoges. Vou pegar o trem e na plataforma onde tem muita gente me dou conta de que esqueci minha mochila. Volto correndo procurá-la apesar de ouvir o trem chegando. Volto pra casa que não é longe. Penso que esqueci a mochila no carro, um ami ⁸bege, estacionado na frente da casa dos vizinhos situada entre a minha casa e a estação. Não sei como fiz, mas cheguei até perto da minha casa e tive que voltar em direção à estação, para a casa dos

³ *Ami*, marca de carro francesa, em português quer dizer amigo.

vizinhos... e, quando chego perto dela, percebo que este Ami 8 não é o meu, e vejo o meu na frente da minha casa. Devo então, de novo, voltar pra trás. Dentro do carro estava uma enorme bagunça, e foi difícil tirar a mochila do bagageiro. Além disso, na frente da casa, um pouco mais longe de onde o carro estava, encontro, no meio da lama, a minha pochete que continha a minha carteira, quer dizer, o meu dinheiro, a minha identidade, os meus óculos, o meu passe de metrô, enfim, o essencial. Dou-me conta também de que não havia fechado à chave o carro. Claro, como estava no campo ninguém roubaria nada, mas mesmo assim.

Então, o cachorro dos vizinhos faz festa saltando alegremente em mim, várias vezes. Fico contente. E depois, de repente, ele abaixa a cabeça, ganhando um ar um pouco triste e me diz num sopro: “tá doendo”. Fico surpreso: o cão fala! Vejo então que as suas patas de trás estão roxas. Ele saltou muito, talvez esteja velho. Digo-lhe: “não faz mal, vou te carregar no colo”. Pego-o nos braços como um bebê. Carrego-o um tempo, depois ele me diz: “Já estou melhor”. Isso também me espanta, não era acaso, ele realmente falava! Ele quer descer. Tento segurá-lo ainda um pouco nos braços, mas nada a fazer, ele escapa e desce do colo.

Em casa, encontro os vizinhos que conheço bem, são amigos. Vou até eles para lhes falar do cachorro quando me cortam a palavra: a filha deles está sendo examinada por um médico. Teme-se uma doença grave. Uma lágrima escorre do olho do pai. Penso em falar do cachorro outra hora: não é o momento. (sábado 8 de julho de 2006)

A primeira associação que se produziu ao acordar, foi com uma analisante que vem sempre às sessões com o seu cachorro. É uma grande cadela branca de pelos curtos que logo percebeu que era para se deitar aos pés de sua dona e esperar. A cadela foi ficando tão relaxada durante as sessões que, um dia, minha analisante me fez notar que a cadela tinha se deitado de costas com as patas para cima, em posição de total confiança e abandono propriamente suspeita.

Em duas palavras, a história dessa analisante, tal que a retive, se resume assim: anoréxica entre os 20 e os 30 anos, livrou-se de seus sintomas através de um aborto praticado nessa idade. A cadela veio logicamente substituir a criança perdida. Em revanche, seu companheiro, pai dessa criança, acaba de deixá-la dez anos depois, argumentando dessa gravidez abortada, pois teria desejado ter tido o filho. A separação deles produziu a situação de terem de se revezar nos cuidados com a cadela, assim como acontece com um filho em circunstâncias semelhantes.

De fato, no meu sonho, tomo essa cachorra nos braços como uma criança. E, justamente, estava procurando meu carro, da mesma marca que meu primeiro carro, de há 30 anos. Por que havia comprado esse carro? Para carregar uma criança, a minha filha, que tem hoje 30 anos e que acaba de colocar no mundo um menininho. Hoje em dia, um carro é, de fato, quase indispensável quando se tem uma criança. Mas isso é apenas a superestrutura e o aspecto prático incontornável. O simbólico fez dele o substituto de uma identificação materna. Por não ter carregado minha filha na minha barriga, carrego-a pra lá e pra cá no carro. A identificação do corpo próprio com o carro parece-me, de todos os modos, universal. Quem já não disse ao sair de um lugar qualquer: “Vejam, onde estou estacionado?” O corpo é nosso veículo e o que veicula o corpo se torna metonimicamente um prolongamento do corpo. Logo, essa mochila que tiro com dificuldade do bagageiro, ganha todo um outro alcance. Minha barriga não serviu de saco para a criança, mas o carro lhe ofereceu um substituto. Essa mochila é então a própria criança, minha filha. Eu a esqueci, esta é a motivação de todas as tribulações do sonho. Nunca esqueci minha filha como tal, mas na ocasião do nascimento de seu filho, carregando-o reativei sensações de pesos e movimentos que tinham se apagado da minha memória consciente, mas não da minha memória corporal, inconsciente. E na história, esqueci de parí-la, quer dizer, de tirá-la do carro. Isso seria ao menos o que Freud chamaria de recalçamento originário. Pois não pude esquecer tal acontecimento, que nunca teve lugar. É um

real: simplesmente é impossível que tenha tido lugar (*cf.* a definição de Lacan: o real é o impossível). Não é o que impede o desejo e sua representação desta forma bastante desviada, mas finalmente bem explícita. Apresentar esse parto na forma de um esquecimento é desafiar o impossível colocando-o como uma simples contingência.

Daí os dois carros Amis 8 do meu sonho. Cada um deles me remete à experiência de nascimento da minha filha, mas meu esquecimento pretenderia me enganar: agora, o tempo passou e trata-se de meu neto. Não é mais em minha casa onde o feliz nascimento acontece, mas na casa dos vizinhos, isto é, da minha filha, não longe de Besançon aonde sempre vou de trem, como o do meu sonho que ganhou as cores do carro. Atualmente, por escolha, não tenho carro, e é o trem que me veicula.

Somos vizinhos, quer dizer de gerações vizinhas. Mas minha memória corporal, visceral, fez-me hesitar entre dois lugares tão semelhantes que foram representados para mim pela mesma letra: Ami 8. A diferença aparece nessa anotação que me veio sobre o cachorro: talvez esteja um pouco velho. Transpus sobre a criança a idade do avô, é com certeza mais confortável.

Esse parto impossível questiona a minha identidade. É o que diz minha pochete encontrada na lama, que contém o essencial do meu farnel, o dinheiro e a carteira de identidade. Mochila e pochete, grande saco e pequeno saco: se eu tivesse um grande saco a minha identidade não teria sido a de um pai, mas a de uma mãe. Pode-se dizer que o inconsciente não dá grande valor a esse estatuto paterno, jogado na lama, em proveito do grande saco esquecido. Entretanto, o saquinho⁴, fico bem feliz ao reencontrá-lo, sei o quanto me é precioso. Pode ser que a sua perda tenha sido o preço a pagar por ter um grande saco⁵: em uma palavra como em cem, trata-se de castração. Quero dizer com isso que o saquinho, suporte da minha identidade, é então testemunho da minha masculinidade. A pochete tem um cinto que

⁴ Petit sac em francês. (N. da T.)

⁵ Bolsa se diz *sac* em francês e a associação com saco é direta, com bolsa escrotal e bolsa marsupial, mas também com o útero, onde se carrega os bebês. (N. da T.)

coloco, em geral, encima do cinto da calça, ficando a pochete pendente na frente quase sobre o sexo. Claro que se torna assim, em parte por causa de sua função identitária e, de outra parte, em razão de sua posição sobre o corpo, um representante do falo. Mas, se opto por um grande saco capaz de conter os bebês, quer dizer, pela feminilidade, então é preciso aceitar o sacrifício deste pequeno saco falo, ou seja: a castração. No gênero humano, é assim, se está de um lado ou de outro, ou homem ou mulher e é preciso escolher. Mas tudo isto indica que não é assim tão simples, tão foraclusivo⁶ quanto no enunciado precedente.

Minha filha não está doente, vai bem, obrigado. Essa analisante, ao contrário, veio me ver definindo-se como doente dessa anorexia da qual se curou no dia em que abortou. Ela se curou da anorexia, talvez, mas, o mal-estar da ruptura com o seu companheiro se revelou mais profundo para a levar à análise. Reativa a evidência desse aborto, colocado como causa do retardamento da dita ruptura. E recoloca a questão da criança, quer dizer, da identidade materna, na forma dessa cadela que vem se deitar entre nós no mais total abandono.

A questão da identidade, sujeito, mulher, mãe, pai, criança repousa logicamente sobre o que se aceita colocar no interior. Freud imaginava esse ato como fundador da humanidade, quer dizer de cada humano: o assassinato do pai, pontuado pela refeição totêmica na qual se devora o corpo assassinado para assimilar as suas virtudes. Só tem pai no fundamento da humanidade a partir do momento em que tem morte e essa conjunção do pai e da morte é incorporada, abrindo o sujeito ao conhecimento desse veículo corporal que ele inaugura devorando o de um outro.

Pode-se dizer: é justamente a questão que minha analisante coloca ao contar sua vida dessa maneira: recusa de comer, depois, a de se tornar mãe. Recusa de colocar o que quer que seja no seu ventre. Mas seria apenas hipótese da minha parte, interpretação do seu dizer. Prefiro ater-me ao que o seu dizer suscita de representações inconscientes em mim. Ao menos

⁶ É foraclusivo o que separa radicalmente dois domínios. O que é branco não é preto. Ao contrário, o cinza ou um tabuleiro de xadrez será dito discordancial: há discordância, é negro e branco.

falando de mim, estou seguro de avançar. Meu sonho é mesmo meu, o que interpreto é fruto das minhas associações livres. É verdade, é mesmo irrefutável, que essas associações vieram a mim. Não estou adivinhando o que poderia se passar na cabeça do outro, mas simplesmente o que posso dizer do que se passa na minha. Estou falando do efeito do outro sobre mim, isto é, do traço que seu dizer deixou em mim, despertando traços pessoais não apenas esquecidos, mas profundamente arcaicos: o falso esquecimento de um desejo impossível.

Dizer que essas escrituras são as mesmas nela e em mim se deve, de novo, à hipótese, ao menos falaciosa. É a questão da identificação. Dizer que elas me permitem delimitar minha posição subjetiva em relação a ela, eis o que me parece ao mesmo tempo mais modesto e mais suscetível de certezas.

Assim, não direi que a anorexia, a recusa de comer, era para ela um meio de se identificar na forma daquela que diz não, não à preocupação constante de alimento da qual ela dá prova no seu ambiente familiar. Que era o seu modo de assassinar as injunções parentais, a fim de incorporar o vazio, quer dizer o sujeito. De fato, o sujeito é assimilável a um vazio; ao contrário do eu, ele não é substantificável. Mais precisamente, coloca-se no intervalo vazio entre os significantes, quer dizer que ele articula os significantes: articular no sentido de lugar vazio necessário ao movimento de uma articulação física (cotovelo, joelho) e ao movimento articulatorio da enunciação. Eu não afirmaria que essa recusa em comer tenha prosseguido no que, em um de seus sonhos, ela chamou de proibição do assassinato dos cangurus. À minha questão: o que é um canguru? Ela havia respondido: eles têm uma bolsa para os bebês.

Em revanche, tudo o que direi é que, eu não tenho bolsa, nem saco para conter os canguruzinhos, nem os cachorrinhos doentes. Até parece que esta constatação é uma mágoa, corolária de um desejo de ser mãe, e então, mãe dessa analisante. Parece também que vivi o seu modo de me trazer o seu cachorro como uma demanda de colo, de se fazer carregar.

É o que ouço com surpresa no meu sonho, da boca do cachorro. Ele não pode andar, está com dor, suas patas ficaram roxas. O que não pode andar se não um bebê? Mas, sobretudo, isso não fala. Dou-me conta por esse sonho da frustração que nem sabia ter sentido por não ouvir meu neto me responder senão com sorrisos. Eu não sabia por causa desse saber comum: os bebês não falam, não é? Então, por que esperaria uma resposta quando eu lhe falo? Isso mesmo, sem saber, esperava uma resposta sim, e é o que me faz atribuir essa palavra ao cachorro, do qual todo mundo sabe que também não fala. É por isso que os autores para crianças e as próprias crianças se apressam em atribuir a palavra aos animais.

Teria desejado que meu neto pudesse me dizer se estivesse com dor, ou se tivesse fome, ou o que mais? Bem sabia que não poderia obter resposta. Mas também sei que é dessa expectativa que advirá a sua palavra. Ele falará para responder a tudo o que eu lhe disser, preciso só de um pouco de paciência, mesmo se o desejo do meu sonho parece não tolerar tamanha sabedoria.

É assim também com essa analisante. Há nela um bebê que não fala. Não é uma afirmação que a concerne, seria mais uma vez uma hipótese falaciosa. É uma asserção que concerne o meu desejo. Foi assim que percebi, e em relação a ela, vem à luz o mesmo desejo que em relação ao meu neto, reativando o mesmo desejo que tive por minha filha. Não apenas um desejo de carregá-la no meu ventre, e de tirá-la como uma mochila do carro, mas um desejo de carregá-la em seguida nos meus braços como qualquer mãe faz com seu filho recém nascido.

E, enfim, um desejo de carregá-la na minha cabeça. O que é função de todo pai. De toda mãe também, claro, mas na matéria, o pai deve se contentar com essa função.

Lembremos aqui a função de objeto *a* que ocupa, segundo Lacan, o analista. Em algum lugar, na “Carta Roubada”, ele afirma que a posse do objeto *a* feminiza. Sabe-se que esse objeto se imaginariza quase sempre sob os traços da mãe. Como se vê, a coisa foi feita em

relação a essa análise. Não é uma posição que ocupei voluntariamente, em função do que sei da teoria. É uma função inconscientemente assumida que descubro no decurso do sonho.

Vê-se bem daí, como o inconsciente não tem nada a fazer com a anatomia. Que eu seja homem não me impede em nada, no exercício da psicanálise, de me situar como mulher em relação a essa analisante. E, de fato, é por isto que insisto sempre em dizer que não tenho pacientes. Os pacientes vão ao médico e pacientam enquanto o médico age, ou em seu lugar, o medicamento. Eu tenho analisantes e o analisante age, coloca em ato a sua palavra e é este o motor do tratamento. Para isso, precisa que o analista se aceite como passivo: o paciente é ele. Freud colocava a passividade como característica da feminilidade, precisando bem que não são as mulheres que são passivas. Mulher e feminilidade não são a mesma coisa, homem e mulher também não, homem e masculinidade também não. A anatomia é apenas um suporte para essas distinções das quais se começa a perceber a complexidade, longe de uma dicotomia. Acabo de dar o exemplo, certamente pessoal, mas universalizável em relação à função que assume o analista.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. *Die Traumdeutung*, GW II/III, p. 102 ;

_____. *L'interprétation des rêves*. Traduzido em francês por I. Meyerson. França, PUF: 1976, p. 92;

_____. *Introduction à la psychanalyse*, França, Petite Bibliothèque Payot, nº6.